

COMPARANDO FORMAS DE SE 'IMAGINAR' E 'NARRAR' A NAÇÃO NAS AMÉRICAS: AS EXPERIÊNCIAS ARGENTINA, BRASILEIRA E NORTE-AMERICANA

Aluna: Érica Szabo

Orientador: Prof. Marco Antonio Villela Pamplona

Introdução

As relações estabelecidas com a Inglaterra desde 1808 abriram caminho para a assinatura de tratados que obrigavam o Brasil a pôr fim ao tráfico transoceânico de escravos. Estas medidas estavam de acordo com os cânones do liberalismo e com os rumos da política britânica à época. O uso de mão-de-obra cativa era moralmente condenável uma vez que cerceava a liberdade do indivíduo, e consequentemente colocava toda a sociedade em xeque, na medida em que as leis eram elaboradas a partir dos desejos de uma muito pequena parcela.

O pensamento abolicionista de Joaquim Nabuco teve como principal referência o liberalismo inglês. Para ele, a escravidão era uma instituição constitutiva da nação, ou seja, algo que a determinava, como demonstra o seguinte trecho:

“Toda a nossa experiência social é alimentada por esse crime: crescemos sobre ele, é a base de nossa sociedade. Nossa fortuna donde vem? De nossa produção escrava. Suprimi hoje a escravidão, tereis suprimido o país. Eis como a lei moral reage. Nossa liberdade fez nos escolher o caminho do crime, seguimo-lo: hoje que queremos dele sair estamos a ele pregados. Está esboçado o quadro geral das afinidades de cada elo de nossa sociedade com a escravidão: ela tudo corrompeu, a começar pelo povo a que roubou as virtudes dos povos que trabalham: a diligência, a economia, a caridade, o patriotismo, o desprezo da morte, o amor da liberdade.”[1]

O desejo de abolir a escravidão esteve, portanto, calcado em uma condenação moral do cativo, que degradava, simultaneamente senhor, escravo e nação, na medida em que, além de propiciar o exercício da violência e do poder desmedido do escravocrata, afastava a nação das maiores virtudes que esta poderia almejar, aquelas advindas do trabalho.

Contudo, abolir a escravidão e possibilitar o avanço do progresso e da civilização em terras brasileiras sem ferir a monarquia, como era o intuito de Nabuco, não seria das tarefas mais simples. Isso porque a instituição da escravidão compunha um dos alicerces sobre os quais o próprio Estado do Império do Brasil havia sido construído, e especialmente após o ano de 1870, com a perspectiva da abolição e com a agitação republicana, o seu fim poderia tornava-se uma ameaça cada vez mais próxima.

Metodologia

No último período o grupo dedicou-se à análise do pensamento de Joaquim Nabuco, especialmente no tocante à abolição da escravidão. Para isso recorreremos a algumas obras que compõem os acervos da Biblioteca da PUC-Rio e da sessão de Obras Gerais da Biblioteca Nacional. São elas: “Cartas aos abolicionistas ingleses”, que reúne as correspondências enviadas na década de 1880; “A escravidão”, publicado apenas após a morte do autor; e “Campanha abolicionista no Recife: eleições de 1884”.

Com a análise destas obras, buscamos reconstruir de que forma a **questão social**, associada primeiramente à realidade da escravidão, aparece no pensamento de Nabuco. Mais ainda, buscamos elaborar hipóteses que expliquem o porquê da ausência da **questão social** num segundo momento, quando o que estará em discussão será já o destino dos libertos naquela sociedade. Esse incômodo fato, ou seja, o registro dessa ausência em obras do período pós-abolição, ou mesmo em seus diários e em auto-imagens deixadas pelo Nabuco diplomata para a posteridade, continua sem explicação.

Conclusão

A reflexão de Nabuco costuma fazer uso, com frequência, de paralelos entre a escravidão no Brasil e nos Estados Unidos. É interessante perceber que nestas oportunidades o político busca apresentar a instituição norte-americana como mais cruel e distante dos valores morais do que a brasileira.

Contudo, Nabuco lamenta que o movimento abolicionista brasileiro não tenha tido a mesma organização daquele que se formou na América do Norte. Lá, desde o início do século XIX, os negros tiveram uma participação fundamental nas lutas pelo fim do cativeiro, colocando-se – segundo ele – sempre ao lado daqueles que apoiavam a causa no âmbito da política institucional.

Por outro lado, pelo fato de Nabuco não ver criticamente a atuação dos abolicionistas no Brasil, ele atribuía aos próprios negros os fracassos e as dificuldades encontrados pela causa.

Por aqui, diria Nabuco, as idéias abolicionistas só encontraram terreno fértil nos quadros do Partido Liberal e junto a uma certa parcela da classe proprietária. Queixava-se que os libertos, quando conseguiam se tornar cidadãos ativos, preferiam, na maior parte das vezes, respeitar e endossar a posição política de seus antigos senhores, mesmo que isso significasse traír a causa de seus irmãos africanos, causa esta que tinha nele próprio, um dos seus maiores expoentes:

“Enquanto os grandes proprietários de escravos fizeram cada um de seus dependentes votarem contra mim os negros, que são numerosos, não foram todos fiéis à nossa causa e votaram, em grande parte, na bandeira escravista. Eu fui a mais de um eleitor negro e perguntei seu voto. Não posso senhor, prometi votar com os Conservadores.” [2]

Nessa perspectiva, fica claro que Nabuco não considerava importante a existência de nenhum movimento abolicionista no interior da comunidade africana posterior à experiência do Quilombo de Palmares, que data de fins do século XVIII. É interessante perceber que era ínfima a possibilidade de que ele desconhecesse eventos dessa natureza – como a Revolta dos Malês, ocorrida na Bahia em 1815, ou mesmo os quilombos existentes na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, o silêncio sobre esses fatos predominou, não os considerando importantes nem mesmo para a causa dos abolicionistas.

Este não reconhecimento torna-se, para nós, bastante revelador da concepção de abolicionismo defendida por Nabuco. Em resumo, a abolição desejada por Nabuco deveria acontecer de forma gradual e controlada, a partir de arranjos estabelecidos entre os proprietários e seus próprios escravos ou, se necessário, num momento posterior, por força da própria ação estatal. Dos promotores desta última via, o político procurou fazer parte nos diversos momentos em que se candidatou à Câmara.

Continua perturbador o total “esquecimento” da **questão social** em sua vida política futura, em especial quando passa a compor os quadros da diplomacia brasileira em fins do século XIX, a serviço da nova ordem. Com a passagem para a república, em meio à situação ainda bastante complicada dos libertos, sem cidadania efetiva numa sociedade que bem soube atualizar e continuar reproduzindo as hierarquias e práticas de deferência do passado, o Nabuco abolicionista simplesmente se cala.

Referências

[1] NABUCO, Joaquim. *A escravidão*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988.

[2] _____. *Carta aos abolicionistas ingleses*, José Thomaz Nabuco (org) – Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1985.

[3] _____. *Campanha abolicionista no Recife: eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: FCRB, 1992.

[4] SALLES, Ricardo. *Joaquim Nabuco: um pensador do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.